

NARRATIVAS INDÍGENAS: THE JOURNALS OF KNUD RASMUSSEN (2007), SHELL SHAKER (2001) E “HISTORY LESSON” (1991) COMO PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS

Neide Garcia Pinheiro ¹

p. 63 - 73

Resumo

Este artigo apresenta parte das reflexões de um projeto de pesquisa que teve os seguintes objetivos: a) aprofundar o conhecimento sobre produções culturais indígenas; b) explorar as diferentes formas como cada autor ou diretor reafirma sentidos do “tornar-se” indígena na atualidade. Três obras foram analisadas, uma cinematográfica e duas literárias, respectivamente, *The Journals of Knud Rasmussen* (2007) da Isuma Films; *Shell Shaker* (2001) da escritora Choctaw, LeAnne Howe e o poema *History Lesson* (1991) da autora Okanagan, Jeannette Armstrong. Com base em Estudos Culturais, observou-se, especialmente, como essas obras articulam representações de identidade cultural.

Palavras-chave: Narrativas Indígenas. Estudos Culturais. Representações.

Abstract

This article presents some of the reflections that result of a research project with the following goals: a) to deepen knowledge on indigenous cultural productions; b) to explore the different ways through which each author or director reaffirms senses of “becoming” indigenous today. Three works were selected, a film, a novel, and a poem, respectively: *The Journals of Knud Rasmussen* (2007) by Isuma Film Productions; *Shell Shaker* (2001) by the Choctaw author LeAnne Howe, and “History Lesson” by the Okanagan author Jeannette Armstrong. It was observed especially how they articulate representations of cultural identity, as proposed by Cultural Studies.

Keywords: Indigenous Narratives. Cultural Studies. Representations

Introdução

At night, when the streets of your cities and villages are silent, they will throng with the returning hosts that once filled them, and still love this beautiful land. The whiteman will never be alone. Let him be just and deal kindly with my people. For the dead are not powerless.

Chefe Seattle dos Squamish, 1853

Citadas pelo famoso dramaturgo nativo-canadense Tomson Highway (2002), as palavras do Chefe Seattle são proféticas no sentido de que parecem antever a luta incessante dos povos indígenas dos nossos dias. De acordo com

Ronald Niezen, o indigenismo tem sido um movimento comparável ao nacionalismo que se disseminou pelo mundo nos últimos duzentos anos. Assim, ainda que o indigenismo seja mais recente, ele, como o nacionalismo, talvez seja

¹ Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

um dos únicos movimentos que atualmente são virtualmente globais, conforme propõe Niezen. Enquanto movimento articulado, uma das importantes lutas dos povos indígenas ao redor do mundo é pelo direito de reaver ou manter territórios e recursos naturais. Movimentos indígenas lutam também para a manutenção de suas tradições e costumes ancestrais. No entanto, o indigenismo não prescinde da inserção na globalidade. Dessa forma, ele aponta para um paradoxo que é comum também ao nacionalismo, a ambiguidade entre o local e o global, o moderno e o tradicional (NIEZEN, 2000, p.119).

Politicamente, um grande avanço ocorreu para o movimento indigenista na segunda metade da primeira década do século XXI. Após uma história de décadas de lutas, em 2007 foi finalmente assinada oficialmente pelas Nações Unidas a Declaração Universal dos Direitos dos Povos indígenas. Ainda que a declaração não tenha força de lei, ela é um instrumento importante para os povos indígenas, pois pode se constituir de base para a discussão e desenvolvimento de ações e políticas em diferentes países para as questões indígenas. É importante se enfatizar ainda que as lutas na esfera política incluem os esforços para manter tradições, religiões e manifestações culturais que, na maioria dos casos foram quase apagadas pelo processo de colonização. Assim, um dos pontos de grande debate atualmente é a definição de identidade indígena. Corroboramos as teorias culturais atuais que afirmam que identidade não é um “produto”, mas se trata de um “processo”, a que Stuart Hall refere-se como “identificação” (1993, p. 223, tradução minha). É um processo complexo e heterogêneo que não pode deixar de levar em consideração as diferentes histórias e experiências de domínio colonial a que foram submetidos os povos indígenas. Esse processo também consiste nas relações entre indígenas e não indígenas ao longo de meio milênio no complexo

“espaço de negociação” que Bhabha considera como um “entrelugar” para “engajamentos culturais” (1997, p. 3, tradução minha).

O processo de identificação indígena também passa pela difícil escolha dos termos que signifiquem uma afiliação indígena. Neste artigo, por questão de estilo, utilizam-se os termos ‘aborígenes’, ‘nativos’, ‘Primeiras Nações’ e ‘indígena’, mesmo que, de uma forma ou de outra, todos eles sejam potencialmente problemáticos. Dessa maneira, a própria seleção deste ou daquele termo aponta para a complexidade do sentido de pertencer às comunidades indígenas. A título de ilustração, a seguinte controvérsia com relação ao termo ‘índio’ é interessante. A esse respeito, Gerald Vizenor, citado por Kenneth Roemer (2005), afirma que “a menos que se acredite que Índios deriva de uma resposta positiva de Colombo ao povo Taino - ‘una gente in Dios’, “um povo de Deus”, uma crença comum é de que o rótulo assinala um notável engano geográfico da parte dos colonizadores que julgavam estar aportando nas Índias quando, na verdade, chegaram ao continente que seria denominado América (ROEMER, 2005, p. 9), Mas seja como um equívoco geográfico ou como um adjetivo (por vezes substantivo) com forte conotação religiosa, essa referência expõe as ambiguidades do ato, evidentemente político, de nomear que, obviamente, representa um dos pontos complexos no processo de afirmação de uma identidade indígena.

Conforme propõe Christopher Gittings (2002), parte da construção do sentido daquilo a que ele denomina “nacionalidade” indígena implica não somente na reconstrução de uma base de poder para a afirmação de controle sobre a vida e terra nativas. Consiste também na “afirmação do controle nativo sobre as ‘representações’ da vida e terra nativas” (GITTINGS 2002, p. 215, ênfase do autor, tradução minha). Entende-se ‘representações’ – propositalmente no plural –

como um conceito complexo, que tem gerado grandes debates e cuja definição somente pode ser considerada em termos provisórios. No entanto, para os propósitos deste trabalho, preferimos corroborar as proposições de Hall (1997), segundo o qual representações culturais são “práticas significativas” isto é são produções de sentido por meio de linguagem e que estão intrinsecamente relacionadas à identidade e cultura (p. 28). Tendo essa concepção em mente, parte-se do princípio de que as “representações” por meio da literatura, bem como de outras mídias, como o cinema, tem sido um importante aspecto da luta pela (re)criação e afirmação de sentidos culturais indígenas que refletem as vicissitudes históricas e os movimentos globais de povos, informações e até mesmo mercadorias.

Considerando-se o exposto, este artigo apresenta parte das reflexões sobre algumas dessas produções aborígenes, objetivando um ‘estranhamento’ dos cânones em um contexto atual em que indígenas e não indígenas compartilham, nem sempre de forma tranquila, um mundo que idealmente deveria ser de todos. O presente texto é fruto de um trabalho de pesquisa que investiu no aprofundamento dos estudos de referenciais teóricos sobre o tema, bem como, a partir de um processo de seleção, ilustrou a investigação por meio da análise de três obras ‘indígenas’ produzidas no Canadá e Estados Unidos: *The Journals of Knud Rasmussen*, sob a direção de Zacharias Kunuk e produzida em 2007 pela Isuma Film Productions, um coletivo de filmes localizado no Ártico canadense. A outra obra analisada, *Shell Shaker* (2001), é uma produção da escritora e cineasta indígena norte-americana, LeAnne Howe, descendente dos Choctaws, cujos ancestrais originalmente habitavam a região do Mississippi e Oklahoma. A terceira é o poema *History*

Lesson, da escritora, professora e ativista indígena canadense Jeannette Armstrong, da comunidade de povos Okanagan na Colúmbia Britânica.

Referindo-se especificamente a produções fílmicas aborígenes Steven Leuthold propõe que eles são formações discursivas e que “são geralmente associados à criação de argumentos para mudança social; criação de identidades coletivas; e registro de mudanças de identidade baseadas nas realidades contemporâneas.” (LEUTHOLD, 2001, 58)¹ Em outras palavras, produções fílmicas indígenas são frequentemente associadas aos discursos e ações políticas. No entanto, a proposição de Leuthold pode ser aplicada também a muitas das produções indígenas em outros campos artísticos, como, a fotografia, a música e, como não poderia deixar de ser, a própria literatura. Porém, uma proposta que privilegie somente os aspectos políticos de quaisquer dessas obras corre o risco de ser insuficiente para a apreciação de filmes e literatura indígena. Não significa isto que se ser negligente quanto à importância política dessas produções. Todavia, não se pode esquecer que elas não prescindem de intenções artísticas também, sendo, portanto, exemplos de processos criativos politicamente engajados. Dessa forma, exploram-se analiticamente essas produções indígenas como emocionantes, efetivos e poderosos processos criativos que trazem à luz a ‘arte’ de se ‘tornar’ aborígene em tempos atuais.

Sob essa perspectiva teórica, também embasada em conceitos de identificação cultural, especialmente os propostos por Stuart Hall e Homi Bhabha, o artigo tem como enfoque algumas das obras que parecem ressaltar de forma muito intensa as preocupações políticas e estéticas da literatura e do cinema indígenas na América do Norte em tempos em que se discutem as identidades como conceitos complexos, ambíguos, heterogêneos,

1-No original: “Often associated with the creation of arguments for social change; creation of collective identities; and recording of changes in identity based upon contemporary realities” (LEUTHOLD, 1997, p. 58).

instáveis e moldados pelas vicissitudes históricas. Ou, como bem propõe Bhabha, identidades são articulações de diferenças culturais e engajamentos culturais em “uma negociação contínua e complexa que busca autorizar os hibridismos culturais a emergirem em momentos de transformação histórica.” (1997, p. 58).

The Journals of Knud Rasmussen como prática significativa

Conforme se informa anteriormente neste artigo, *The Journals of Knud Rasmussen* é uma produção de um coletivo de filmes localizado na região ártica do Canadá, a Isuma Filmes. Esse coletivo é gerenciado majoritariamente por membros da comunidade Inuit do povoado de Igloodik em Nunavut que se tornou oficialmente o maior território de Canadá em 1999². Atualmente, a indústria fílmica no Ártico consiste em um instrumento para apresentar narrativas sobre povos Inuit a partir de suas próprias perspectivas. É também uma tentativa de prover recursos econômicos às comunidades que apresentam graves problemas econômicos e sociais, como resultado de processos históricos que incluem o contato com os povos europeus, a colonização do Ártico e a mudança de estilo de vida dos habitantes locais. Assim, a indústria cinematográfica dessa região constitui um importante instrumento para a afirmação de identidade cultural que, lembramos, é móvel e instável devido às instabilidades históricas e aos múltiplos encontros e desencontros nas fronteiras coloniais (EVANS, 2005).

A Isuma Films tornou-se mundialmente

famosa quando em 2000 sua primeira produção ficcional, *Atanarjuat: the Fast Runner*, foi vencedora de um Camera D’Or em Cannes. Esse filme sobre uma figura mitológica do Ártico tornou-se não apenas um importante marco no contexto mais amplo do cinema canadense, mas também um ícone no contexto do cinema indígena mundial. Assim, *The Journals of Knud Rasmussen*, a segunda produção ficcional da Isuma, capitaliza um pouco sobre o sucesso de *Atanarjuat*, embora sem superá-lo em termos de crítica e público. Enquanto o primeiro tem como tema uma lenda milenar e se ambienta em tempos mitológicos, o segundo oferece uma perspectiva Inuit sobre o passado colonial do Ártico no início do século XX. O segundo filme tem como enfoque as mudanças que ocorriam na região, na medida em que o contato com a ‘civilização’, o comércio, a mudança de estilo de vida nômade para o mais sedentário e uma nova religião obrigava os Inuit a uma alteração radical de sociedade de caçadores e pescadores para uma economia de mercado e novos modos de engajamento cultural.

Dessa forma, não é prematuro se afirmar aqui que *The Journals of Knud Rasmussen* ilustra em sua diegese a ‘negociação’ (nem sempre de maneira fácil) sobre diferenças culturais. A partir do próprio título do filme, compreende-se que ele alude a prática de diários e memórias, especialmente as construídas por exploradores do Ártico, como o Dinamarquês Knud Rasmussen, que no início do século vinte realizou a mais longa expedição no polo e esteve na região de Igloodik onde hoje se localiza a Isuma. Preocupado com a possibilidade de aculturação, Rasmussen

2- Inuit é um gentílico que atualmente tem sido utilizado em lugar de Esquimó, embora esta última denominação ainda seja preferida tanto por alguns povos quanto por antropólogos e outros estudiosos sobre o Ártico. O termo Inuit está no plural e seu singular é Inuk. Para uma história mais ampla dos Inuit, bem como para referências sobre a história do Ártico, há uma série de fontes, entre as quais recomendo os diários da Fifth Thule Expedition, de Knud Rasmussen por eles incluírem relatos sobre história oral. Já para uma visão mais recente sobre a formação do território de Nunavut, recomendo um artigo intitulado “Heritage and Regional Development: an Indigenous Perspective” de Collins e MacMahon-Coleman; o livro *Like the Sound of a Drum: Aboriginal Cultural Politics in Denendeth and Nunavut* de Peter Kulchyski e também o capítulo “Cultural Survival and Trade in Iglulingmiut Traditions” em *Critical Inuit Studies*. Sobre a indústria cinematográfica Inuit, Isuma: Inuit Video Art de Robert Michael Evans.

registra, juntamente com sua equipe, diversos aspectos dos povos que visitou durante a Fifth Thule Expedition. O explorador que, também era descendente de Inuit e falava fluentemente a língua nativa, tinha a preocupação de transpor para a escrita as histórias orais dos povos da região. Em Igloodik ele se encontra com Avva, um shaman Inuit, que lhe narra histórias e que, mais de 70 anos após a Fifth Thule Expedition, torna-se um dos personagens centrais no filme da Isuma. Assim, *The Journals of Knud Rasmussen* sugere um processo de ‘negociação’ cultural em que tanto as narrativas escritas do explorador dinamarquês quanto às tradições orais Inuit se constituem em importantes instrumentos para a (re)escritura da história do Ártico.

Esse processo de negociação também é fundamental fora do texto fílmico, no contexto de sua produção. Mesmo que, conforme se explica acima, em sua formação a Isuma tenha uma maioria Inuit como membros, há que se considerar que o seu mais famoso cinematografista é o nova-iorquino Norman Kohn que é um dos fundadores do famoso coletivo de filmes. Em uma oportunidade ímpar em que a ele fui apresentada em um evento em Toronto no Canadá, recordo-me muito bem de que ao ser informado de que eu era brasileira, ele imediatamente me respondeu “Nice to meet you, and I’m Canadian”. Assim, com essa simples declaração, Kohn me fez pensar nas identificações como processos de “afiliação cultural”, nos termos propostos por Bhabha em *The Location of Culture* (1997, p. 3).

Kohn (nascido nos Estados Unidos) pareceu-me reafirmar uma identidade em contínuo movimento que pode muito bem incluir um Kohn ‘Inuit’, uma vez que ele está em Igloodik desde a década de 80. Ou seja, identidades são construídas, na medida em que nos reconhecemos como pertencentes a uma determinada comunidade, a qual também nos reconhece como sendo seus

membros. Considerando-se essa perspectiva, pode-se afirmar que o filme produzido pela Igloodik Isuma pode ser considerado Inuit no sentido de que ele representa um processo de afiliação cultural e assim é reconhecido pelos membros da comunidade Inuit, cujas identidades também resultam de um processo de afiliação. Nesse sentido, reconhecendo-se o filme como uma produção Inuit, resta-nos uma pergunta crucial: “o que é exatamente ser Inuit, especialmente em tempos de engajamentos culturais tão intensos como hoje?”.

Parece-me que a resposta, ainda que provisória, para esse pergunta, está na proposição de Hall, apresentada acima, de que identidades culturais são (re)construções de sentidos de pertencimento cultural, portanto ‘representações’. Dessa forma, torna-se importante o exame do texto fílmico e das escolhas estéticas de seus produtores, mas também se torna fundamental um exame sobre o contexto de produção e recepção da obra cinematográfica. Um dos pontos interessantes dessa análise é que ela nos faz refletir especialmente sobre a forma como a produção fílmica no Ártico tem sido significativa para a construção de sentidos de pertencimento à comunidade. Conforme se observa anteriormente, os Inuit sofreram um processo de colonização – ainda que tardiamente em comparação a colonização de outras regiões do globo – que resultou na mudança significativa e muito célere de um estilo nômade para um modo mais sedentário de vida. As transformações mais intensas ocorreram basicamente todas no século XX, conforme ilustra o próprio filme *The Journals of Knud Rasmussen*. Como resultado, as gerações mais recentes, hoje, têm o que se pode denominar de amnésia histórica. Na medida em que as gerações mais antigas vão desaparecendo, com elas também são esquecidas muitas tradições e costumes ancestrais, causando sérias rupturas econômicas, políticas, sociais e psicológicas.

Sobre isso, assim se manifesta o poeta Inuit, Alooook Ippellie em seu artigo para *The Journals of Knud Rasmussem: a sense of memory and high-definition Inuit storytelling*, (2008):

I did not ask to be born an Inuk
Nor did I ask to be forced
To learn an alien culture
With its alien language
But I lucked out on fate
Which I am unable to undo

.....

So I am left to fend for myself
Walking in two different worlds
Trying my best to make sense
Of two opposing cultures
Which are unable to integrate
Lest they swallow one another whole

A angústia de Ippellie refere-se ao fato de que a fronteira invisível retratada em sua poesia tem sido a causa da amnésia cultural. Assim, o florescimento cultural Inuit partir das duas últimas décadas do século XX está associado às demandas por cultivo das memórias de um povo que teve seu modo de vida completamente alterado em menos de um século. Deste modo, conforme se observa pela história da Isuma, a cada filme produzido, há um grande esforço da equipe para se (re)construir memórias e sentidos culturais. Em termos mais pragmáticos, por exemplo, há que se (re)criar figurinos, cenários, objetos de cena e outros elementos fílmicos. Esse processo criativo tem sido particularmente importante porque ele resulta de uma pesquisa minuciosa sobre tradições e costumes Inuit, que, como se observa acima, devido ao processo de colonização foram relegados ao esquecimento. E a própria equipe da companhia, constituída quase que em sua totalidade por habitantes locais, participa ativamente do processo de recriação. Assim, ao (re)construir e (re)apresentar esses elementos ancestrais, os cineastas da Igloodik contribuem para recriação de sentidos para o

que é ser Inuit em pleno século XXI, mesmo que em sua diegese os filmes possam retratar o passado histórico, como é o caso de *The Journals of Knud Rasmussen*. Mas se trata de um (re) fazer de sentidos culturais que também ilustra as ambiguidades dos processos de identificação.

A título de ilustração, uma das ambiguidades da indústria de filmes Inuit é que, ironicamente, para continuar produzindo filmes que possibilitem a reconstrução de sentidos de pertencimento à comunidade, a companhia necessita de suporte financeiro de agências governamentais canadenses. Assim sendo, mesmo que os filmes por ela realizados sejam representações culturais muito locais, as questões econômicas demandam que a Isuma insira-se em um contexto político e econômico complexo de financiamento a nível nacional no Canadá. Não bastasse essa questão, há que se considerar também a importância da distribuição e veiculação de filmes que ultrapassa as fronteiras árticas. Assim, as próprias escolhas estéticas dos filmes Inuit estão envolvidas em complexo processo de negociação e articulação do local, regional, nacional e global (GITTINGS, 2002; EVANS, 2005).

Shell Shaker como prática significativa

Da mesma forma como as produções fílmicas categorizadas como indígenas podem causar controvérsias com relação às identificações culturais, também as obras literárias podem ser objetos do mesmo questionamento. Assim, esta pesquisa também se voltou para a análise de *Shell Shaker*, escrito por LeAnne Howe, afiliada a tribo Choctaw, cujo território ancestral fica na região de Oklahoma, Estados Unidos. Também tive a oportunidade de conhecer Howe durante uma palestra proferida pela escritora em Toronto em 2009. Na ocasião, a autora fazia uma apresentação

sobre seu romance *Miko Kings* na qual ressaltou a participação indígena no desenvolvimento do baseball que hoje é considerado como o esporte americano por excelência. Desse modo, Howe aponta para a presença indígena na própria formação da ‘identidade’ ‘americana’, ressaltando assim uma das três ‘presenças’ a que Hall se refere com relação a outro contexto, a formação cultural do Caribe: “*Présence Africaine, Présence Européene, Présence Américain*, (2001, p. 230). Esta última está relacionada aos povos indígenas e suas tradições. Mas nenhuma delas, segundo Hall substitui a outra. Identidade cultural é a complexa justaposição dessas identidades. Em um espírito de revisão histórica que ressalta a presença ‘americana’ na história da América do Norte, *Shell Shaker* pode muito bem ser categorizado como um romance histórico. Entretanto, essa categorização não pode ser utilizada em termos definitivos, uma vez que o romance também apresenta características de ficção policial e narrativas góticas.

Shell Shaker narra a história de duas gerações da família Billy em duas temporalidades diferentes. Uma das narrativas ocorre no início de 1738, época anterior à remoção dos Choctaws do Mississippi para Oklahoma. Trata-se então de uma criação ficcional sobre um evento que consta nos registros históricos oficiais da América do Norte, tendo como personagens Red Shoes, um guerreiro de existência histórica, Red Fox do clã dos Chickasaws; Anoleta dos Choctaw e sua mãe Shakbatina. Anoleta é acusada de assassinato de uma mulher dos Chickasaws. Para evitar a guerra entre as tribos e salvar sua filha, Shakbatina oferece-se em sacrifício. A outra parte da história ocorre em 1991, quando uma descendente de Shakbatina, Auda Billy, é acusada de assassinato. Sua mãe, Susan, confessa-se culpada. Na medida em que seus parentes tentam provar sua inocência e a família se aproxima da solução para o mistério

do assassinato, suas vidas tornam-se um paralelo a dos seus ancestrais do século XVIII, revelando uma história de posicionamentos complexos em que as lealdades são rompidas mesmo por personagens indígenas. Há uma clara referência aos ‘entrelugares’ complexos assumidos por personagens históricas como Red Shoes na disputa por poder tribal em meio ao domínio colonial europeu. Esse entrelugar também se replica no presente diegético na personagem que se corrompe pelo jogo e pela política.

Um dos temas fundamentais do romance de Howe é a complexidade do processo de identificação nativa, especialmente quando se considera, por exemplo, a história de colonização apontada em *Shell Shaker*. Dos padres, que são apresentados ao longo da narrativa sobre os eventos do século XVIII, às escolas residenciais que as personagens frequentam no futuro diegético, o romance enfatiza as consequências do domínio colonial sobre os nativos americanos. Nesse sentido, de grande importância na narrativa é o Padre Renoir que, no século XVIII, mantém um diário sobre sua experiência com os Choctaws, mas por medo de causar embaraço aos membros da família ou da igreja acaba removendo muito de suas anotações. Ressalta-se a sua habilidade de manipular uma história sobre os nativos a fim de que ela se torne palatável para o gosto da sociedade dominante. Desse modo, o romance aponta para uma prática que historicamente foi bastante efetiva para criação de imagens sobre a(s) cultura(s) indígenas que muito afetaram o próprio processo de identificação dos membros dessas comunidades. Trata-se do apagamento cultural causado tanto pela história oficial quanto pela dificuldade da voz nativa se fazer ouvir. Um exemplo desse silenciamento ocorre no presente diegético do romance. Auda Billy, uma professora universitária, já no século XX, profere uma palestra sobre a

colonização, mas é violentamente confrontada pelos apoiadores da Sociedade Histórica.

Nesse sentido, além de se observar as referências diretas que o texto faz ao processo da colonização, conforme se discute acima, é interessante também refletir sobre a estrutura do romance, outra possível estratégia de Howe para discutir o tema do domínio colonial. Em *Shell Shaker*, o passado histórico e o presente intercalam-se. As fronteiras entre as temporalidades são tênues, na medida em que ecoa por toda a narrativa a própria voz de Shakbatina. Desse modo, podem-se observar as aproximações entre essas temporalidades e, a partir dos eventos apresentados, refletir como a romancista parece sugerir, por meio dessa estratégia narrativa, que as práticas coloniais não são exclusivas do passado remoto da América. Embora tenham início nos primeiros contatos entre os povos europeus e os habitantes do ‘novo’ continente, essas práticas ou as suas consequências persistem em dias atuais de uma forma bastante incisiva como ilustra o episódio do confronto da protagonista e seus ‘pares’ historiadores. Ainda tenta reescrever a história sob a perspectiva indígena, mas enfrenta os obstáculos que lhe são impostos pelo próprio sistema educacional onde ela busca ter voz e, principalmente, ser ouvida.

“History Lesson”: uma lição de história passada a limpo

Com relação ao reescrever da história sob uma perspectiva ‘marginal’ como uma forma de (re) construção de sentidos de pertencimento cultural, o poema “History Lesson”³ da escritora nativo-canadense Jeannette Armstrong é bastante peculiar. Trata-se de um poema narrativo que, conforme o título sugere, visa prover uma aula

de história, tendo como tema a colonização da América do Norte. Em linhas gerais o poema é bastante simples, com uma linguagem, estilo e tom que até se assemelham aqueles que normalmente são utilizados para se narrar histórias infantis. Desse modo, sugerimos que o poema ressalta uma prática cultural indígena bastante importante, o ato de contar histórias oralmente com diversos propósitos, tais como, transmitir conhecimentos de geração em geração e até contribuir para processos de cura.

O poema inicia-se com uma metáfora sobre a chegada de Colombo à América, tendo a nau do famoso ‘descobridor’ um ‘ventre’ do qual ‘nascem’ os diversos atores no processo de colonização do continente. Assim, “da barriga do navio de Cristóvão” (verso 1) irrompem os causadores das diversas rupturas na vida dos povos nativos. Desse espaço metafórico emergem os exploradores europeus – metonimicamente representados por Colombo e seus marinheiros (aliás, observe-se a referência ao ‘descobridor’ pelo seu nome de batismo, o que pode ser uma conotação importante, uma vez que a religião a que ele alude também é um tema central ao poema). O poema ‘descreve’ a chegada dos ‘descobridores’, ressaltando a desorganização do grupo, cujos membros correm em todas as direções “atirando nos búfalos” “atirando-se uns aos outros”. A partir de então, o caos se instala. Ao longo da narrativa, surgem do ventre do navio outros personagens, como os soldados de casacas vermelhas, clara referência aos exércitos ingleses e também uma alusão ao poderio militar como instrumento colonial. E do navio também irrompem religiosos, peregrinos e colonizadores propriamente ditos, o que claramente estabelece a religião como ferramenta para a colonização.

3- Todas as referências são de tradução da autora.

Assim, em alguns poucos versos, Armstrong apresenta um resumo dos eventos que se sucederam à ‘Descoberta da América’, ressaltando as implicações dessa ‘grande narrativa’ sobre o continente: doenças e genocídios contra os povos indígenas; desmatamentos; poluição; e, em um futuro qualquer, talvez o fim da civilização. O poema refere-se aos eventos históricos em uma ordem que se pode definir como cronológica. Conforme aponta o escritor, professor e teórico nativo Thomson Highway (2002), a perspectiva religiosa ocidental que se instalou na América com a ‘descoberta’ tem por base um pensamento linear que considera uma linha do tempo que tem início em um ponto qualquer com Adão e Eva. Mais ou menos no meio dessa linha do tempo está à figura de Cristo e, no final dessa linha, deve estar o Apocalipse. Segundo Highway, essa perspectiva linear é filosoficamente muito influente, pois tem sido a base para se estabelecer narrativas como, por exemplo, a do pecado original, da perda do Jardim do Éden e da redenção divina do povo escolhido. Essas narrativas por sua vez contribuíram para a construção de discursos que historicamente posicionaram os povos das primeiras nações como inferiores em relação aos colonizadores. Assim, essa mitologia linear cristã torna-se parte da história da colonização da América do Norte, refletindo-se naquilo a que se convencionou denominar de “destino manifesto” ou o direito divino à posse da terra e de seus recursos naturais. Dessa forma, Highway afirma que a relação com a terra em termos de posse está intrinsecamente relacionada às diferentes filosofias dos povos ocidentais, que tem por base essa concepção temporal linear. O tempo tem maior significado a partir dessa perspectiva e, conseqüentemente, o espaço ocupa um plano secundário. Por conseguinte, a relação com o território torna-se diferente da dos povos cuja concepção de tempo é circular e para os quais o espaço é um elemento

fundamental. Não se trata de dizer que os povos nativos não se preocupam com o território, mas que a sua relação com ele é mais fundamentada num sentido de dádiva do que de posse.

Considerando-se o exposto, pode-se perceber que Armstrong desestabiliza a história oficial, pois, na medida em que o eu poético desenvolve sua narrativa, ocorre também um tratamento especial à temporalidade. Uma das táticas que se observa é a utilização de todos os verbos no tempo presente simples, mesmo em referência a eventos ocorridos no século XV – a própria descoberta da América, por exemplo. Outra estratégia empregada pela voz poética é justapor eventos que ocorreram há séculos e elementos próprios de um futuro diegético, tais como, sabão em pó, flocos de cereais e Seagrams (uísque famoso). Dessa forma, o poema rompe com a sua aparente linearidade e sugere que a história da colonização da América não é um produto final, mas ela ainda persiste e com conseqüências nefastas para os descendentes daqueles povos nativos por ocasião do ‘descobrimento’. As tragédias que resultaram do processo foram doenças, vícios e práticas alheias aos ancestrais das agora chamadas First Nations.

Ao escrever um poema aparentemente linear Armstrong sugere que a base da formação da América atual é a prática colonialista que, por sua vez, está fundada em um pensamento linear, que persiste em tempos atuais. Essa perspectiva linear tem sido também o fundamento para a construção de uma história que exclui as figuras marginais, como os povos indígenas, suas tradições, sabedoria e consideração para com a natureza. Ao término de sua aula de história, o eu poético utiliza-se das próprias narrativas bíblicas cristãs, para expor suas ambigüidades. Conforme sugere o poema, há outras conseqüências infaustas,

que afetam tanto aos povos indígenas quanto aos descendentes dos colonizadores europeus (ainda que essas ‘origens’ sejam questionáveis nos termos das teorias culturais contemporâneas). No final, o poema subverte a ideia de um paraíso reconquistado, afirmando que o resultado da colonização é a degradação, “o paraíso para sempre perdido” para indígenas e não indígenas.

Considerações Finais

Com o intuito de tecer algumas considerações finais, propõe-se que a literatura e o cinema produzido por afiliados de comunidades indígenas são campos férteis para análise sobre o que é ser ‘indígena’ na atualidade, mas também para compreendermos melhor que identificações são, nos termos das teorias culturais contemporâneas, posicionamentos que os sujeitos assumem ou são levados a assumir diante de processos históricos como colonização e globalização. Nesse contexto, as três obras que foram objeto deste trabalho denotam um tema central que é a reafirmação de práticas culturais tradicionais e sua importância para a construção de sentidos de pertencimento cultural. *The Journals of Knud Rasmussen* é o (re)criar de um senso histórico para um povo que viu seu estilo de viver, eminentemente nômade, transformado em poucas gerações. Assim, quando se considera o texto fílmico em conjunto com seu contexto de produção, a narrativa Inuit adquire sentidos muito mais complexos com relação ao processo de identificação cultural. Há um espaço híbrido, construído por meio das memórias, tanto de Rasmussen, Avva e os cineastas do Ártico que adaptam as histórias ancestrais para as telas. *Shell Shaker* aponta para os problemas internos tanto dos indivíduos quanto das próprias comunidades indígenas e como eles provocam também graves rupturas nos processos de identificação cultural. Pode-se afirmar que o romance de Howe discute sobre as dificuldades atuais na inserção dos povos

indígenas nos diversos contextos econômicos, políticos, sociais e, a julgar pela história de *Auda Billy*, nos contextos acadêmicos. No entanto, o romance não coloca as personagens em situação de vítimas. Talvez seja essa a grande força dessa narrativa que não compactua com a ideia do nobre selvagem, ao retratar personagens indígenas que tem dúvidas, constroem lealdades complexas, traem e são traídos, influenciam-se pelo jogo e pela política. “*History Lesson*” possibilita-nos refletir sobre as relações entre mitologias indígenas e as mitologias das culturas dominantes, especialmente quando aquelas são relegadas ao segundo plano. Ao se desconsiderarem as diferenças entre as duas formas de ver o mundo, o resultado foram deslocamentos e rupturas que tem consequências trágicas tanto para indígenas quanto não indígenas. Nesse sentido, o poema parece apontar para a necessidade de um espaço de negociação entre as diferentes culturas, sob pena de não conseguirmos superar as dificuldades atuais, tais como, a degradação do meio-ambiente e o risco de um colapso da civilização.

Ainda que guardadas as respectivas diferenças de contexto de produção, tanto *The Journals of Knud Rasmussen da Isuma*, quanto *Shell Shaker de Howe* e “*History Lesson*” de Armstrong (1991) ressaltam a necessidade de os povos marginalizados pelo processo de colonização tentarem (re) construir suas histórias, mesmo que essas, como toda narrativa, sejam sempre provisórias e parciais. Espera-se assim que este trabalho ao menos provoque um estranhamento do cânone, trazendo à tona narrativas que põem em questionamento noções de homogeneidade, centralidade, unidade e estabilidade. Dessa maneira, narrativas indígenas são veículos importantes para uma melhor compreensão das diferentes perspectivas sobre um mundo que se torna cada vez mais multicultural. Elas também apontam para a impossibilidade

de se apresentar conceitos definitivos do que é ser ou não ser indígena em tempos de constante circulação de povos e culturas, ressaltando que qualquer pertencimento cultural é um processo constante de 'vir a ser', 'tornar-se', (re) criar-se, (re) significar-se e que é fundamental que essas visões de mundo também sejam incluídas nas nossas leituras e reflexões acadêmicas.

Referências:

ARMSTRONG, J. **The History Lesson**. Breath Tracks. Stratford: Williams Wallace Publishers. 1991.

BHABHA, H. **The location of culture**. London: Routledge, 1997.

EVANS, M. R. **Isuma**: Inuit. Video Art. Montreal: McGill, 2005.

GITTINGS, C. E. **Canadian national cinema**. London: Routledge. 2002.

HALL, S. Cultural Identity and Diaspora. In: **Identity: Community, Culture, Difference**. 1993. Disponível em: <lwbooks.co.uk>. Acesso em 20 de maio de 2007

_____. The Work of Representation. In: **Representation: cultural representation and signifying practices**. London: Ed. Stuart Hall; Sage Publications, 1997.

HIGHWAY, T. Comparing Mythologies non-fiction: an essay comparing. In: BRIEF, **Greek, Christian, and North American Aboriginal Mythologies**. Ottawa: Ottawa University Press. 2002.

HOWE, L. **Shell Shaker**. San Francisco: Aunt Lute Books, 2001.

IPPELIE, A. Walking both Sides of an Invisible Border. **The Journals of Knud Rasmussen: a Sense of Memory and High-Definition Inuit Storytelling**. Montreal: Ed. Gillian Robinson; Isuma Publishers, 2008.

KUNUK, Z. **The Journals of Knud**

Rasmussen. Dir. Montreal: Isuma Films, 2007.

LEUTHOLD, S. Rhetorical Dimensions of Native American Documentary. *WicazoSa Review*. 16:2, Film and Video, autumn, p. 55-73, 2001. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0749->

NIEZEN, R. Recognizing Indigenism: Canadian Unity and the International Movement of Indigenous Peoples. *Comparative Studies*. In: **Society and History**, 42:1, p. 119-148, jan, 2000. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0010-4175%28200001%2942%3A1%3C119%3ARICUAT%3E2.0.CO%3B2-9>>. Acesso em: 05 de setembro de 2007

RASMUSSEN, K. Report on the 5th Thule Expedition. **Observation on the Intellectual Culture of the Iglulik Eskimos**. Copenhagen: Gyldendalke Boghandel, Nordisk Forlag. 1930.

ROEMER, K. M. **Introduction**. Cambridge Companion to Native American Literature. Cambridge: Ed. Kenneth Roemer e Joy Porter; Cambridge University Press, 2005.

Enviado: 30/08/2015

Aceito: 03/12/2015